



## ORIENTE MÉDIO

# Israel lança ampla ofensiva na Cisjordânia

Centenas de soldados invadem quatro cidades do território palestino e dois campos de refugiados, apoiados por ataques de drones, em uma "operação antiterrorista". Liderança do grupo extremista Hamas defende retomada de atentados suicidas

» RODRIGO CRAVEIRO

Enquanto as atenções do mundo se voltavam para a Faixa de Gaza, as Forças de Defesa de Israel (IDF) lançaram a maior operação militar na Cisjordânia desde 2002. Pelo menos 11 palestinos foram mortos na incursão terrestre apoiada por bombardeios de drones. Centenas de soldados israelenses e blindados invadiram quatro cidades — Nablus, Jenin, Tulkarem e Tubas — e dois campos de refugiados palestinos. A operação teve a participação do serviço de segurança Shin Bet.

Horas depois do início da incursão, Khaled Mashaal, um dos líderes do movimento extremista islâmico Hamas, exortou a facção a retomar atentados suicidas na Cisjordânia. "Queremos retornar às operações (suicidas). Essa é uma situação que somente pode ser resolvida com conflito aberto. (...) Eu reitero meu apelo para que todos participem, em frentes múltiplas, na atual resistência contra a entidade sionista", disse Mashaal. Um porta-voz da Jihad Islâmica, facção armada aliada do Hamas, denunciou a tentativa de Israel de "anexar a Cisjordânia".

De acordo com Israel Katz, ministro das Relações Exteriores israelense, as IDF buscam dismantlar infraestrutura terrorista islâmico-iraniana estabelecida em campos de refugiados de Jenin e Tulkarem. "O Irã trabalha para desestabilizar a Jordânia e estabelecer uma frente de terror oriental contra Israel, seguindo os modelos da Faixa de Gaza e do Líbano, ao financiar, armar terroristas e contrabandear armas avançadas para a Jordânia, a Judeia e a Samaria", escreveu na rede social X. "Devemos lidar com essa ameaça com todos os meios necessários, inclusive, em alguns casos de combate intenso, permitindo à população a retirada temporária de um bairro para outro."

Jaafar Ashtiyeh/AFP



Soldados israelenses fazem buscas no campo de refugiados de Nur Shams, perto de Tulkarem: combates com membros de facções armadas

Morador de Nablus, o designer gráfico Ahmad Mohamed Amer, 24 anos, contou ao **Correio** que as forças israelenses realizam incursões em várias áreas da Cisjordânia. No campo de refugiados de Nur Shams, a 39km dali, soldados e membros de facções palestinas travaram combates. "Graças a Deus, as batidas não incluíram o bairro onde eu vivo, mas posso escutar as explosões e o barulho de tiros", relatou. "A principal arma da resistência são os dispositivos explosivos plantados no chão. Quando uma viatura se aproxima, o artefato é detonado. Por isso, as escavadeiras entram antes e começam a destruir as ruas e partes de casas."

### Direitos humanos

Segundo Amer, as tropas não diferenciam civis de integrantes de grupos armados. "Os israelenses não se importam". "As violações dos direitos humanos e das crianças ocorrem diariamente na Cisjordânia. Eu me lembro que, uma vez, um soldado israelense agarrou uma criança de cerca de 13 anos e começou a espancá-la, sem razão. Outra foi levada por uma patrulha. Quando o carro ganhou velocidade, os soldados a lançaram de lá e ela teve graves ferimentos."

Professor de relações internacionais da Universidade de Nova York, Alon Ben-Meir explicou ao

### Estados Unidos impõem sanções

Os Estados Unidos anunciaram novas sanções contra colonos israelenses na Cisjordânia e pediram a Israel que combatesse esses grupos "extremistas". "A violência dos colonos extremistas na Cisjordânia provoca intenso sofrimento humano, prejudica a segurança de Israel e compromete as perspectivas de paz e estabilidade", declarou o porta-voz do Departamento de Estado, Matthew Miller. Por sua vez, o primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, criticou a iniciativa. "Israel considera muito grave a imposição de sanções contra cidadãos israelenses. A questão é objeto de discussões intensas com os Estados Unidos."

**Correio** que a incursão em Jenin foi uma resposta a vários ataques de extremistas palestinos. "Infelizmente, o ciclo de violência não irá parar enquanto a ocupação continuar. Isso prosseguirá

durante meses, ou anos, a menos que Israel e os palestinos cheguem a um acordo", previu. Ele criticou a sugestão de Katz de repetir na Cisjordânia a estratégia usada em Gaza. "O que

### Incursão em terras palestinas

Operação militar israelense em 28 de agosto  
Colônias israelenses



Dados cartográficos: OSM, GHS  
Fonte: "Peace Now" AFP

aconteceu em Gaza é uma tragédia para os palestinos. Ambos os lados devem cair em si, sentar-se e encontrar uma solução de uma vez por todas."

Embaixador da Palestina no Brasil, Ibrahim Alzeben, afirmou à reportagem que evidências confirmam a "continuação da guerra sistemática de extermínio contra o povo palestino". Ele comentou os ataques de colonos judeus em assentamentos ocupados na Cisjordânia. "Os colonos não atuam à margem das decisões do governo israelense, e o fazem de maneira coordenada. A incapacidade das instituições internacionais encorajará a escalada do ciclo de sangue inocente em toda a Palestina. A expansão do ciclo de guerra destrutiva, que não poupará ninguém." A reportagem entrou em contato com a Embaixada de Israel, mas até o fechamento desta edição não houve pronunciamento sobre a operação na Cisjordânia.

## VENEZUELA

# María Corina promete fazer o chavismo "ceder"

O ex-deputado Biagio Pilieri fez uma videochamada para colegas, às 14h de ontem (15h em Brasília), no momento em que o seu carro era perseguido por outro veículo. "Estamos sendo seguidos, com certeza, pela segurança do Estado. Acabamos de sair da atividade, onde acompanhamos María Corina (Machado). Eles estão nos seguindo há 20 minutos", afirmou, ofegante, o integrante da equipe da líder opositora. Pouco depois, o celular de Pilieri foi rastreado na região do Helicoide, centro de detenção de Caracas. Ele e o filho, Jesús Pilieri, foram presos pelo Serviço de Inteligência Bolivariano Nacional (Sebin).

María Corina Machado tinha acabado de desafiar o regime de Nicolás Maduro, ao participar de um protesto para marcar um mês das eleições de 28 de julho. "Dizem que o regime não vai ceder.

Saibam que vamos fazê-lo ceder. E ceder significa respeitar a vontade manifestada em 28 de julho", disse a deputada opositora inabilitada politicamente, ao discursar da caçamba de uma camioneta.

"Nós estamos avançando. (...) Sabemos como administrar e fazer crescer a nossa força. Nós o fazemos nas comunidades. Os comanditos, aqui, têm uma grande tarefa: garantir que chegue a verdade e que defendamos uns aos outros", acrescentou María Corina. "Isso não tem volta. Nós seguiremos adiante. Temos que refletir sobre o que fizemos este mês; é uma fase dura e nós sabíamos disso. Temos uma estratégia robusta e ela está funcionando. Esse protesto é imparável." A multidão gritava "Liberdade! Liberdade!" e "Corajosa! Corajosa!".

Durante o discurso, María Corina afirmou que é preciso

Pedro Rances Matthey/AFP



María Corina Machado segura bandeira em protesto no centro de Caracas

recordar o que o regime de Maduro fez nessas quatro últimas semanas: "Eles implantaram a campanha de repressão mais brutal da história da Venezuela". "Enquanto estamos aqui, a Comissão Interamericana de Direitos Humanos da

Organização dos Estados Americanos (OEA) reporta o que chamamos de prática de terrorismo de Estado. São mais de 2.500 pessoas detidas, incluindo mais de 150 crianças presas e sequestradas por Nicolás Maduro. Isso não tem nome."

Ela também expressou "repúdio absoluto" ante o "sequestro" de Biagio e Jesús. "Biagio é um grande amigo e um grande aliado, um homem que, quando dá sua palavra, se compromete. Ele sabia do risco que corria e, ainda assim, acompanhou os venezuelanos em Caracas, como um testemunho de responsabilidade e de entrega a esta causa", enfatizou Machado. Outro deputado opositor, Juan Pablo Guanipa, confirmou que escapou de ser preso. "Estou bem e em resguardo. Novamente, me livre de uma tentativa de detenção por parte dos gorilas de Maduro", escreveu em seu perfil na rede social X.

Também ontem, Maduro discursou em frente ao Palácio de Miraflores e celebrou o "triumfo". "Um mês da vitória do povo da Venezuela frente às correntes fascistas, a Venezuela triunfou outra vez em paz, mobilizados nas ruas", declarou a simpatizantes.

### Ameaça

Edmundo González Urrutia, candidato que se proclamou vencedor das eleições, não

compareceu ao protesto de ontem. Tarek William Saab, procurador-geral da Venezuela, disse à imprensa que o Ministério Público emitirá uma nova convocação para que ele preste depoimento. "Caso falte, o Ministério Público anunciará a ação correspondente, com base na lei", declarou Saab, sem detalhar qual medida será tomada.

De Madri, onde encabeçou um protesto ao lado de venezuelanos isolados e partidários da oposição, Antonio Ledezma — ex-prefeito de Caracas e ex-preso político — disse ao **Correio** que o ato em Caracas mostra a disposição de luta. "O povo venezuelano não se renderá, não baixará os braços e se manterá muito firme nos esforços para fazer valer o triunfo obtido em 28 de julho", explicou, por telefone. "São dois objetivos entrelaçados: a proclamação de Edmundo González como presidente legítimo e o início da transição rumo à democracia", acrescentou Ledezma, que ocupa o posto de coordenador do Conselho Político Internacional de María Corina Machado. (RC)